



O BRASIL SEGUNDO OS ROMANCES DE DARCY RIBEIRO: EFEITOS DA COLONIZAÇÃO E A NECESSIDADE DE REDESCOBRIMENTO

Alessandro Aparecido Fagundes Matos¹

Resumo: O projeto colonial motivado pelo interesse mercantil trouxe à formação do povo brasileiro efeitos permanentes. Desde a assimilação do passado eurocêntrico à reconfiguração das identidades e projeção do futuro, a colonização gerou a dependência cultural e intelectual. Ante o cenário, ter a consciência de que não podemos negar a inevitável dependência é condição indispensável e estágio primeiro para superá-la; o segundo é a capacidade de produzir a partir de exemplos nacionais e não apenas de modelos estrangeiros. Sendo assim, a proposta desta escrita é compreender, na esteira de Alfredo Bosi, *A dialética da colonização*, o movimento do processo civilizatório que procura abarcar passado, presente e futuro e a consequência desse no imaginário nacional. Para isso, como proposta de produção que expõe as marcas da colonização, os romances de Darcy Ribeiro são compreendidos como forma de tomada de consciência, redescobrimto do Brasil e espaço para vozes silenciadas.

Palavras-chave: Colonização. Romance. Darcy Ribeiro.

THE BRAZIL ACCORDING TO DARCY RIBEIRO: COLONIZATION EFFECTS AND THE NEED OF RECOVERY

Abstract: *The colonial project motivated by a commercial interest brought permanent effects to the formation of the Brazilian people. From the assimilation of the Eurocentric past to the reconfiguration of identities and projection for the future, colonization generated cultural and intellectual dependences. In this scenario, it is an indispensable condition and the first step to overcome it, being aware that we cannot deny this inevitable dependency; the second one is about the ability of producing from national examples and not just foreign patterns. Therefore, the purpose of this writing is to understand, together with Alfredo Bosi, the dialectic of colonization, the movement of the civilizing process that intends to encompass past, present and future and their consequences in the national imagination. To that end, as a production proposal that exposes the marks of colonization, Darcy Ribeiro's novels are considered a way of raising awareness, rediscovering Brazil and a space for the silenced voices.*

Keywords: Colonization. Romance. Darcy Ribeiro.

¹ Graduado em Letras (UCDB), mestre em Estudos de Linguagens pelo PPGEL/FAALC/UFMS, doutorando em Letras pelo CPTL/UFMS, professor da Rede Estadual de Ensino (MS). ORCID: 0000-0003-4468-8997. E-mail: afagundesmatos@gmail.com.

1. O investimento colonial e a necessidade de revisitar a história

Explicar o Brasil é atividade complexa, pois a formação desta nação foi pautada pela violência e pelo discurso religioso. Na violência, temos a escravidão, o genocídio de tribos indígenas; na religiosidade, a catequização dos povos primeiros em nome da expansão do reino de Deus. Portanto, ambas atitudes se apropriaram do “descobrimento” e se complementaram por um período de tempo significativo. O resultado dessa junção ainda é perceptível: somos uma nação marcada pela desgraça consequente dos interesses hegemônicos em detrimento do ser humano; tudo para e em nome do progresso do império.

A gênese da colonização é resposta às tensões internas. Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização*, destaca que a solução para o problema é o movimento para fora do sistema à procura e conquista de terras e povos colonizáveis. No caso dos portugueses, a tensão se deu pela necessidade movida pela economia de se buscar saída para o comércio. Nisto, “a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz” (1992, p. 13). Entretanto, é preciso se atentar que a motivação econômica da colonização e o processo civilizatório dos povos dominados trazem efeitos e deixam marcas mais profundas.

Bosi, atento à relação entre fenômenos e linguagem, destaca a derivação das palavras *cultura*, *culto* e *colonização* do verbo latino *colo*, “cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*.” (1992, p. 11). *Colo*, tempo presente, na língua romana, significava morar, ocupar a terra e, por extensão, trabalhar, cultivar o campo.

A ação expressa neste *colo*, no chamado sistema verbal do presente, denota sempre alguma coisa de incompleto e transitivo. É o movimento que passa, ou passava, de um agente para o objeto. *Colo* é a matriz de *colônia* enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar. (BOSI, 1992, p. 11).

Paralelo, *colonus* está para o sujeito que cultiva uma propriedade em lugar do dono. Ele estabelece o modelo gestor e as técnicas importadas, sendo assim, povoa e explora terra alheia como se sua fosse. Ainda sob o raciocínio de Bosi, essa figura estrangeira tida como universal estabelece “a produção dos meios de vida e as relações de poder, a esfera econômica e a esfera política, reproduzem-se e potenciam-se toda vez que se põe em marcha um ciclo de colonização” (BOSI, 1992, p. 12).

Sob essa premissa, o processo instaurado abarca uma nova estrutura e investe na ideia de recomeço econômico. Para isso, a ordem da tutela é outra ação a ser

implantada e arraigada no cognitivo dos dominados; o colono passa a ser a figura do cuidado e do mando.

Sendo a colonização um processo totalizador, o procedimento demanda a assimilação do passado e futuro do colonizador por parte do colonizado. Não basta o espólio físico, para a totalidade do domínio do ser mira-se a alma, o credo, os ritos, a arte e a perspectiva futura. Com isso, os efeitos das ações dos colonizadores são mais fecundos e permanentes. No que tange ao passado, o *cultus* está para a qualidade do trabalho já incorporado à terra que se lavrou. A incorporação se deu na luta e aperfeiçoamento entre o sujeito e o objeto e a reprodução do alcançado no tempo presente. Portanto, está associado à memória. Ainda mais, excedendo a relação com o trabalho, *cultus* não se restringe ao cultivo da terra, está também para o *culto dos mortos*: “*cultus* (1): o que foi trabalhado sobre a terra; cultivado; *cultus* (2): o que se trabalha sob a terra; culto; enterro dos mortos; ritual feito em honra dos antepassados” (BOSI, 1992, p. 15). Não sem interesse, um dos objetivos da formação catequética fora a substituição dos símbolos não cristãos pelos da igreja. A modificação dos símbolos religiosos altera o vínculo entre passado e presente com as forças criadoras de outro tempo sustentadoras da identidade. O empreendimento religioso em um movimento colonizador modifica substancialmente os sujeitos envolvidos. Conseqüentemente, a dilatação da fé cristã apoiaria a dilatação do império. O culto de celebração da nova fé era o mesmo em que se ungia os massacradores impiedosos de negros e indígenas.

Nessa empreitada, a proclamação do Evangelho estabelece relação estreita com a colonização e suas atrocidades. A mensagem universal, em que todos os homens são iguais perante o amor sublime, serve aos desígnios ultrajantes da aculturação forçada e não trilha o caminho do amor fraternal. Subjugar as práticas indígenas a, simplesmente, influências demoníacas para, depois, na base do medo, se apropriar do lugar deixado vago é tão colonial quanto a exploração à base da chibata. Condenar a antropofagia para depois ensinar a comunhão ao comer o corpo e beber o sangue do Messias durante a ceia, mesmo utilizando elementos simbólicos, é pedagogia confusa ante cosmovisões diferentes. Não cabe nesta escrita a defesa ou não do ritual indígena, mas questionar a lógica colonial empreendida.

Ao alterar o vínculo com o passado, modifica-se a relação com o presente e a projeção do futuro. Nisto, a colonização labuta no solo da *culturus*: “o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar” (BOSI, 1992, p. 16). O termo está associado ao cultivo do solo e à formação do ser humano desde a infância; para a última, temos a significação de *paideia* grega, cuja definição geral permenece: “cultura é o conjunto das práticas, das

técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.” (BOSI, 1992, p. 16). Com isso, impor a aculturação ao povo colonizado seria sujeitá-lo e adaptá-lo aos padrões tidos como superiores, ou seja, todas as práticas, técnicas, valores ou qualquer outra referência teriam como norte o colono.

Na colonização, o único beneficiado é o império. Todas as práticas violentas condenadas são, de certa forma, permitidas em solo alheio. A justificativa é bem conhecida: o progresso mercantil. Para isso, o extermínio, o tráfico humano, escravidão, conquista, saque, conversão forçada, desumanização são atitudes admitidas. De certa forma, os efeitos são vivenciados no presente. Após instaurar a cultura da exploração, o projeto de expansão comercial continua sendo reatualizado. A partir da perspectiva marxista, por exemplo, o servo do campo passou a ser o trabalhador assalariado. Ainda mais, a briga por terras entre fazendeiros e indígenas, a concentração de solo nas mãos de poucos também são exemplos da assimilação colonial.

A formação do povo brasileiro, durante o período colonial, vinculou-se aos interesses dos mercadores, ao absolutismo do reino e ao mando rural. Essas características se aprofundaram significativamente no estilo de convivência ao estabelecer o modelo patriarcal e estamental da nação. A relação entre os poderosos e subalternos foi produzida e reproduzida nas mais diferentes esferas sociais. Mesmo após o período de escravatura, o Brasil ainda é um país sem democracia racial; não seria exagero afirmar que nunca existiu, de fato, a referida democracia tão difundida pelos discursos propagandísticos acerca desta nação. A mentalidade de sermos um país acolhedor não leva em consideração as barbáries e atrocidades vivenciadas por indígenas e negros, apenas uma parcela das muitas diferenças existentes.

Os três elementos acerca da colonização discutidos por Bosi auxiliam na reflexão acerca da formação do povo brasileiro, algumas características presentes na história das relações e o modelo latifundiário e estamental difundido. O debruçar sobre a cultura, ou seja, o futuro, permite perceber as marcas deixadas e a reprodução do modo de produção, não somente econômico, mas também de percepção de mundo e a relação entre os homens, criando ideologias que afetam a percepção de si e o vínculo com o mundo.

As ideologias, não tão definidas quanto aparentam ser, jazem na base de formulações sobre o Brasil, sua cultura, identidade, entre outros elementos, refletindo, de certa forma, as consequências do investimento colonial supracitado. As matrizes e

formas de pensamento brasileiro são formadas por ideais coloniais anteriormente difundidos e pautados na violência, exploração, política do mando e elitismo. Carlos Guilherme Mota, em *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*, ao realizar o recorte temporal para sua pesquisa e medir a profundidade das raízes ideológicas, apresenta os pressupostos que orientam a definição de cultura. Mota aponta, para cada década estudada, a ideologia orientadora. Desde o redescobrimiento do Brasil até os impasses da dependência, a discussão apresenta sinais da necessidade em se romper com as amarras da consciência colonial, passando por uma nova reinterpretação do Brasil, destacando as classes pobres, assim como revisões radicais da produção intelectual nas universidades. Mesmo reconhecendo o período de publicação do texto, década de 1970, é possível perceber que a leitura brasileira de si ainda é atravessada por uma dependência cultural e importação de modelos intelectuais que insistem em permanecer. Além disso, as ideologias e as noções concebidas a partir delas dissolveram as contradições reais e sociais não permitindo, de forma densa, a consciência social. O resultado do vínculo com a tradição estamental retira o que é relevante e, conseqüentemente, o potencial crítico e contestador das classes desprivilegiadas. O que se percebe é que, ao ser retirado o potencial crítico da organização social, “o privilégio, o desemprego sistemático, a exclusão cultural e política passam a ser dados estáveis e neutros nas ‘interpretações do Brasil’, quando não omitidos” (MOTA, 1994, p. 288, grifo do autor).

A função das ideologias questionadas é a restrição dos privilégios a pequenos grupos. Não diferente, o mesmo exercício foi a ordem no período colonial. Assim sendo, o trabalho do historiador é rediscutir essas formas de pensamento, iniciando, assim, um movimento de redescobrimiento do Brasil.

2. Os romances de Darcy Ribeiro e o redescobrimiento do Brasil

Repensar a ordem das coisas é desestabilizar a harmonia e neutralidade tão bem difundida. Seria visitar a história e se atentar aos discursos silenciados. Nas palavras de Bosi, é olhar para o que está abaixo do limiar da escrita, isto é, os subalternizados pelo processo civilizatório.

Em termos de História: desde a implantação da cultura letrada portuguesa no Brasil, ficaram abaixo do limiar da escrita quase todos os conteúdos da vida indígena, da vida escrava, da vida sertaneja, da vida artesanal, da vida rústica, da vida proletária, da vida marginal; abaixo do

limiar da escrita ficaram as mãos que não puderam contar, no código erudito, a sua própria vida. (BOSI *apud* MOTA, 1994, p.16).

Sob essa égide, os romances de Darcy Ribeiro contribuem para esse redescobrimto a partir da perspectiva de personagens subalternizados. Ribeiro, ao privilegiar personagens indígenas, negros, caboclos, sertanejos; ao destacar espaço interiorano, revela indícios de seu propósito maior. Ao se deparar com sua produção intelectual como antropólogo, o leitor percebe o entrelaçamento da teoria com os romances. Yves Reuter, em *Introdução à análise do romance*, acerca do elemento narrativo personagem, argumenta que o funcionamento desse se diferencia entre as narrativas a partir do gênero, da época e ideologia do autor. Neste último ponto, temos referência a questões orientadoras: “quais tipos de personagens estão presentes na obra? Quais não aparecem? Como elas são descritas? Com referência a quais discursos de época?” (REUTER, 2004, p. 58). Além disso, os espaços também possuem efeitos de sentido, ou seja, nada está posto gratuitamente na obra.

Ao debater essas escolhas com as consequências do processo civilizatório, temos nos romances de Darcy Ribeiro indícios de superação da dependência herdada. Este argumento é justificado pelas palavras de Antonio Candido, em *A educação pela noite e outros ensaios*: “Um estágio fundamental na superação da dependência é a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciadas não por modelos estrangeiros, mas por exemplos nacionais anteriores” (CANDIDO, 1989, p. 153). A superação da dependência indicada pelo crítico literário não é a negação total, mas a compreensão da coexistência para o ir adiante. Se Ribeiro se pautasse na produção anterior brasileira, a visão indigenista de sua obra, apenas uma das características que comporta, poderia ser semelhante à de José de Alencar ao representar Iracema como a virgem de lábios de mel e não alcançaria êxito ao propor a desestabilização da hegemonia colonial.

Partindo para os romances, abordaremos de forma sucinta, seguindo a ordem cronológica de publicação, para percebemos melhor a contribuição de Darcy Ribeiro romancista no processo de redescobrimto do Brasil e confronto ante as ideologias dominantes.

O romance *Maíra* (1976) contrapõe dois mundos, duas cosmovisões distintas e a influência do colonizador sobre os colonizados. Destaco o personagem Avá/Isaiás. Este, pela nomificação, é marcado pela dualidade identitária; uma indígena e outra cristianizada. O nome diz muito. Atendo-se ao segundo, remete-nos ao profeta bíblico tocado pela tenaz para santificação, pois era um homem de impuros lábios e que convivia

em meio do povo impuro. Contudo, a indefinição não o permite ser indígena (por não conseguir exercer sua função por direito na tribo) e por não pertencer ao mundo caraíba (não ser branco). Paralelamente ao escrito literário, Ribeiro destaca, em *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, a necessidade da nova etnia, fruto das relações entre indígenas, negros e europeus que não se identificava com nenhuma. Nisto surgiu a brasileira.

O surgimento de uma etnia brasileira, inclusiva, que possa envolver e acolher a gente variada que aqui se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus, como pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem, como os mulatos (negros com brancos), caboclos (brancos com índios) ou curibocas (negros com índios). (RIBEIRO, 2014, posição 1640 de 6639).

Na figura de Ava/Isaías, percebemos a consequência do encontro entre dois mundos. Como o personagem saiu de sua aldeia: “Assim os mairuns souberam, pela conversa das mulheres, que o Avá regressa. Saiu menino, levado por um missionário, muito dado de brindes, muito alegre, falador.” (RIBEIRO, 2014, p. 42); como retornou: “Minha ambição é voltar ao convívio da minha gente e com a ajuda deles me lavar deste óleo de civilização e cristandade que me impregnou até o fundo.” (RIBEIRO, 2014, p. 136).

Em seu segundo romance, *Mulo (1981)*, o personagem Mulo, Philogônio Castro Maya, é rude e de pouca instrução. Durante a leitura, um monólogo, cabe ao leitor reconstituir os fatos narrados pelo personagem desde sua infância até a proximidade do findar dos seus dias. A narrativa é uma forma de confissão dos pecados, mas de arrependimento não muito garantido. Ainda mais, o texto retrata o mando coronelista do interior do Brasil, característica essa constituinte na formação do povo-nação.

Aos meus negros vivi dando ordens em tom de sargento. Gritando com voz de trovoada. Não à toa, mas no serviço da produção. Cerca de lá, Isidoro. Agarra esse porco, Tião. Arreia essa mula, Bile. Cape esse touro, Zé. Com gozo meu e deles. Meu de mandar, ordenando a vida. Deles, de serem mandados, sentindo que não estão sozinhos, largados no mundo. Sabendo que podem deixar o tempo, o sol e o destino, tudo, na minha mão que eu dou conta. Por mim e por eles. (RIBEIRO, 2007, p. 131).

Aqui, destaca-se a tutela do patrão sobre seus serviçais, o mando e a obediência, a “entrega” do domínio de suas vidas ao outro, o ser capaz de dar conta dos destinos. Por ser narrativa monológica, a voz do explorado é silenciada, temos apenas a de quem se encontra em situação confortável.

Em se tratando da pseudodemocracia social, segue trecho exemplar da formação de consciência de base do povo brasileiro: “Mal comparada, raça de preto é como raça de jegue, e raça de branco, como de cavalo. Eles podem comer qualquer coisa, aguentam trabalho pesado sem demasias de queixas. Nós somos de carne delicada, como os cavalos.” (RIBEIRO, 2007, p. 192). Na comparação animalesca, o preto/jegue é animal para o gasto. Esta terra foi e ainda é moinho de gastar gente.

Em *Utopia selvagem* (1982), o personagem de destaque nesta obra é Pitum. Inicialmente, é militar do exército brasileiro e luta uma guerra de justificativa obscura, pois alguns personagens posteriores discorrem versões diferentes. Pitum é levado, de forma misteriosa, para uma aldeia dominada por mulheres sendo ele o único homem para procriação. Este ato revela-nos muito acerca da formação do povo brasileiro no sentido da miscigenação: Pitum, homem negro, levado à força, alusão à escravidão, e mulheres indígenas. Além disso, o contraponto é a inversão da lógica: em uma sociedade dominada por homens, a voz de comando é de mulheres durante a relação sexual, por exemplo. Em alusão ao ato antropofágico presente na nossa reinvenção, Pitum dirá: “- Só me dói suspeitar que hoje como quem, amanhã, me comerá. Na forma de paçoca ou de pirão? – Sem sal e muito apimentado isto ele sabe bem.” (RIBEIRO, 2007, p. 22). As mulheres da aldeia estabelecem o matriarcado, não se submetendo à mistificação ideológica e nem às compulsões fisiológicas.

Em *Migo* (1988), a autobiografia inventada de Ageu Rigueira, a primeira impressão do último romance de Ribeiro talvez seja a mudança de tom no discurso. Porém, a resignificação ideológica e a necessidade de revisão da nossa história marcam a escrita. No capítulo “São Paulo”, de nome sugestivo para a centralidade da intelectualidade, temos o excerto que ilustra a dependência e reprodução do externo.

Elmano, claro, estava no Congresso, postulando com seu vozeirão, no estilo farfalhante de suas falas acadêmicas. Não se manca o filho. Deitou verbo, outra vez, sobre seu livro prometido: *Brasil, país de papagaios*. Inédito, mais falado do que qualquer édito: demonstrou à paulistada basbaque que aqui nesse mulato país nosso nada se cria, tudo se copia. Nada se planta, transplanta-se. Cada geração nova se apega às figuras de moda lá de fora e passa a vida boquiaberta: admirando, repetindo, papagaiando. (RIBEIRO, 2014, p. 118).

O fragmento representa muito bem a problemática da dependência, seja ela cultural, intelectual, acerca dos valores e padrões repetidos às cegas e sem crítica. Não há como negar e pregar um patriotismo isolado e utópico, é preciso reconhecer a

interdependência para ressignificá-la com elementos nacionais para não se assemelhar ao papagaismo dependente.

Considerações

Os romances darcianos apresentam o projeto político do autor: redescobrir o Brasil silenciado pela colonização e expor as mazelas oriundas da formação do povo brasileiro. Personagens indígenas, negros e mulheres dão o tom e ganham voz nas representações literárias do autor. Ao realizar a escolha desses para comporem função de destaque na produção – a exposição do conflito de cosmovisões desiguais nas relações de poder (*Avá/Isaías*), o ser levado à força (*Pitum*), o mando coronelista no interior do Brasil (*Mulo*) e dependência cultural e intelectual sem crítica (*Migo*) -, propõe-se espaço para tomada de consciência acerca dos efeitos do domínio colonial do passado, presente e futuro, conforme discutido por Bosi, a exposição da efetividade do projeto primeiro colonial e a necessidade de se atentar às consequências assim como a de romper com o modelo gestor adotado.

Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974**. São Paulo: Ática, 1994.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução Angela Bergamini [et al.]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Migo**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2014.

_____. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 1ª Edição do Kindle. São Paulo: Global Editora, 2014.

_____. **Maíra**. 19ª ed. São Paulo: Global Editora, 2014.

_____. **O Mulo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.

_____. **Utopia selvagem: saudades da inocência perdida: uma fábula**. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.